

PARAÍBA, 1920: A VOLTA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Zenir C. Reis*

Foi longo o processo de reconhecimento crítico da obra de Augusto dos Anjos: publicou seu único livro, *Eu*, no Rio de Janeiro de 1912. Naquela cidade, no ano seguinte, Bilac seria eleito "Príncipe dos Poetas Brasileiros", em concurso organizado pela revista *Fon-Fon!*

O voto único que Augusto recebeu naquele concurso foi assim justificado pelo seu autor, o excêntrico poeta gaúcho João César de Castro (1884-1930):

"Na opinião da minha humildade, o príncipe dos poetas brasileiros, que ainda há de ser Imperador, quando menos jovem e mais expungido de demasias tem o nome soleníssimo de Augusto dos Anjos, mas um Augusto da linhagem dos anjos-maus, a que se prendem um tal de Baudelaire e um tal de Dante Gabriel Rossetti"¹.

Em 1914, o Poeta morre obscuro na cidade mineira de Leopoldina, para onde se transferira, depois de quase quatro duros anos de instabilidade de emprego e moradia no Rio...

Houve uma segunda edição, mas permaneceria confinada ao acahnado ambiente paraibano, homenagem póstuma ao Poeta que, só assim, voltava, em 1920, à sua terra natal.

Quase ignorado no meio intelectual carioca da *Belle-Epoque* e de *Fon-Fon!*, será inteiramente desconhecido pela São Paulo do Modernismo e de *Klaxon*. Afinal, o Modernismo era a expressão estética da modernidade urbana paulista e Augusto dos Anjos, cantor da decadência do mundo rural nordestino e dos tristes aglomerados do Recife e Paraíba (atual João Pessoa) do início do século: a outra face da moeda de um capitalismo que se desenvolvia de maneira desigual e combinada.

* Prof. Assist. Dr. de Literatura Brasileira do Depto. Letras Clássicas e Vernáculas — FFLCH — USP.

(1) *Fon-Fon! (VII)*, 16, Rio de Janeiro, 19-IV-1913. Sobre João de Castro, v. MURICI, Andrade — *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 2.^a ed., (Brasília) INL (1973), vol. II, p. 827-831. Ver também MENEZES, Raimundo de — *Dicionário literário brasileiro*. 2.^a ed., Rio de Janeiro, LTC (... 1978).

“A solidariedade subjetiva

De todas as espécies sofredoras!”

acordando-lhe no coração o desejo altruísta de diminuir, pelo próprio esforço, o secular martírio da humanidade.

Para documentar estes impulsos bastam-nos as seguintes estrofes:

“Barulho de mandíbulas e abdomens!
E vem-me como um desprezo por tudo isto,
Uma vontade absurda de ser Cristo,
Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana
Ambição de construir para o homem uma
Região, onde não cuspa língua alguma
O óleo rançoso da saliva humana!

Outras constelações e outros espaços
Em que, no agudo grau da última crise,
O braço do ladrão se paralise
E a mão da meretriz caia aos pedaços!”

E, em geral, é sempre assim o poeta: condensam-lhe os versos uma longa e dolorosa meditação, as angústias de uma vida moral intensa.

Pesar disto, nem só estâncias com travor pessimista cantava o seu estro; o panteísmo era-lhe também feição notável na lira.

Arraigados amores à natureza motivaram-lhe odes hilozoístas, acordaram-lhe desejos de ser druida, sugeriram-lhe até impulsos dendrolátricos, como o que traduziu nestes versos:

— As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho. . .
É preciso cortá-la, pois, meu filho!
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs alma nos cedros. . . no junquillo. . .
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma! . . .

— Disse — e ajoelhou-se numa rogativa:
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!”

E o amor que ele votava ao velho tamarindo do “Engenho”:

“No tempo de meu pai sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da flora brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!"

Há nestes sonetos vivacidade e força de imaginação, brilho de idéias, doçura de sentimento, elegância despretensiosa de frase e o mesmo lirismo suavíssimo do seu "Ricordanza della mia Gioventù", que não transcrevemos, por conveniência de encurtar estas linhas.

Evidencia-se, contudo, pelo seu epílogo de morte, que ainda neles não pode o poeta fugir ao pendor pelo trágico e deixar de imprimir-lhes o selo fatídico, o sinete negro, com que marcava as produções autênticas da sua lavra.

Era o seu "tropismo ancestral para o infortúnio", era aquela "necessidade do horroroso", que lhe arrancava a alma dos países do sonho para a escuridade dos realismos tétricos, assim como lhe movia os passos, por escarpamentos e pedregulhos, aos esplendores do sol meridiano, caindo em campos virgilianos, para as ruínas da casa do finado Toca, outrora florida, quando a habitava ainda o homem simples, "que carregava canas para o engenho", mas onde mais tarde, reduzida a escombros, apenas,

"O lodo obscuro trepa-se nas portas
E, amontoadas em grossos feixes rijos,
As lagartixas dos esconderijos
Estão olhando aquelas coisas mortas!"
...Sofrera imenso!...

É por isto, também, por esta como afinidade física pela dor, que a maioria das suas produções literárias representa quadros de horror dantesco, com pinceladas fortes e efeitos de claro-escuro a Rembrandt: e que no estatuário da sua arte desembocam todos os rios do pranto, esturruando em uivos de condenados, gemer de doentes e imprecar de oprimidos.

A garganta maldita da sua musa sabia bem a escala cromática dos soluços e dos gemidos humanos!

É aquela mesma "faculdade visualística" extraordinária, que fez que o poeta descobrisse, numa noite de alucinações geniais, "a falta de unidade na matéria", revelou-lhe, também, com Schopenhauer, que "só a dor é positiva, no mundo!" e que o mais longo momento de felicidade não compensa a duração de um gemido...

Assim, se lhe antolhava que a arte, com ser o espelho mágico da vida, devia refletir em si mesma, nos seus cristais rutilantes, menos o minuto de alegria fugaz, que a eterna hora de martírio da humanidade.

...Notavam-lhe alguns, em raras composições, certa nebulosidade de expressão, certo vago de frase, que indefinia o sentido, esboçando, apenas, entre nevoeiros, a idéia.

Mas, isto, que, incontestavelmente, levado a exagero, redundava em imperdoável defeito, nele, dado o comedimento e a arte com que o emprega, não só merece desculpa, como até pode a muitos parecer virtude, porque representa "aquela quantidade de espírito sugestivo, alguma coisa como a corrente subterrânea do pensamento, invisível e indefinido", a que alude Edgard Poe, e que é o sonhado recurso dos simbolistas modernos.

No que diz exclusivo respeito à sua técnica literária, entre outras virtudes, apregoavam unissonamente que lhe saíram os versos escorreitos e pulcros, com forte e reboante ondulação rítmica e a imponência plástica que convinha à grandeza do plano arquitetural das estrofes. Esforçava-se pela consecução da frase vernácula, escrupulizada na propriedade dos termos e no emprego rigoroso dos adjetivos; revelava disciplina ortográfica e conhecimentos prosódicos, de que se valeu, com êxito, para a sonoridade dos versos e onomatopaicos efeitos.

Escrevendo, tinha força de descrição, arrojo de antíteses, imprevistas imagens, em geral científicas, facilidade de se elevar ao sublime, e, sobretudo, segurança e habilidade em manejar o vocabulário opulento e sonoro de que dispunha, e que lhe permitia, sem carência de amputações prejudiciais à integridade do pensamento, ajustar as idéias ao leito de Procusto do Verso.

Dominavam-lhe, além disto, o espírito a ânsia do ineditismo e o horror ao lugar-comum. Daí, mesmo quando tocado pelos impulsos mais afetivos e humanos, ao invés de expandir-se em carmes lamartínistas e explorar, como a maioria dos nossos poetas, com arrepios histéricos e borbulhos de lágrimas, o inesgotável filão do sentimento piegas, preferir contar em poesia raciocinada, como Luiza Ackermann, aqueles fenômenos emotivos que, vistos à luz da psicologia, revelam um lado novo do seu encanto.

Conservava-se, deste modo, sempre fiel ao apostolado da ciência e adstrito, quando era possível, à verdade das suas leis e seus princípios eternos.

E ainda, coerente com este credo pessoal, já nas proximidades da morte, quando o grande mistério comove e abala, em geral, as mais sólidas convicções filosóficas, escreveu estes versos que são, a um tempo, canto de cisne do amor paterno e epinício entoado pelo indivíduo, que morre, a vitória da vida, que continua na espécie:

Aos meus filhos

Na intermitência da vital canseira,
Sois vós que sustentais (Força Alta exige-o...)
Com o vosso catalítico prestígio,
Meu fantasma de carne passageira!

O vulcão da bioquímica fogueira
Destruíu-me todo o orgânico fastígio...
Dai-me asas, pois, para o último remígio,
Dai-me alma, pois, para a hora derradeira!

Culminâncias humanas ainda obscuras,
Expressões do universo radioativo,
Íons emanados do meu próprio ideal

Benditos vós, que, em épocas futuras,
Haveis de ser no mundo subjetivo,
Minha continuidade emocional!

São igualmente, dos seus últimos dias, os dois sonetos, que transcrevemos abaixo, e nos quais sua musa, apesar dos nevoeiros da morte, que já previa, conserva a mesma largueza de vistas e elevação de idéias, que sempre teve:

Vox victimae

Morto! Consciência quieta para o assassino
Que me acabou, dando-me ao corpo vão
Esta volúpia de ficar no chão
Fruindo na tabidez sabor divino!

Espiando o meu cadáver ressupino,
No mar da humana proliferação,
Outras cabeças aparecerão
Para compartilhar do meu destino!

Na festa genética do Nada,
Abraço-me com a terra atormentada
Em contubérnio convulsionador...

E ai! como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da criatura
Ao corpo ubiqüitário do Criador!

O meu Nirvana

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcerou,
Foi que eu, num grito de emoção sincero,
Encontrei afinal o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a vida do humano aspecto fero

* no original, "Tens"

Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da idéia soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora
Do tato ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias

Gozo o prazer, que os anos não consomem
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das idéias.

A resignação panteísta destes versos, revela a calma espiritual com que o poeta esperava atender, em breve, ao "pedido da célula cansada" e gozar a volúpia transformista da matéria dispersa pela totalidade das coisas ou vivendo como ele a sonhara, na "universalidade do carbono".

Damos, agora, à acurada estesia dos leitores um soneto, como há bem poucos na língua portuguesa, e que é, no gênero, talvez, a melhor produção publicada pelo poeta admirável do "EU".

Lamento das coisas

Triste, a escutar pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos do orbe oriundos,
O choro da energia abandonada!

É a dor da força desaproveitada!
É o cantochão dos dinamos profundos,
Que podendo mover milhões de mundos
Jazem ainda na Estática do nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa;
É a transcendência que se não realiza;
É a luz que não chegou a ser lampejo;

E é, em suma — o subconsciente ai formidando
Da natureza, que parou, chorando,
No rudimentarismo do desejo!...

Em suma, Augusto dos Anjos foi único entre nós e por muito tempo sê-lo-á ainda, porque só conseguirão imitá-lo os que possuírem, a par de disciplinado saber, uma imaginação hoffmânica aliada à profundidade de pensamento e à sensibilidade mórbida de Ariel.

Ultrapassou o seu tempo e, por isto, tornou-se quase incompreendido, mas o futuro há de reivindicar-lhe os direitos de imortalidade e de glória, mostrando que ele foi, por certo, um dos mais nobres precursores daquela evolução de arte, augurada por Enrico Ferri "como inevitável, porque corresponde às necessidades da multidão desejosa de uma

regenerescência estética, pairando acima das banalidades eróticas ou das bizarras-vãs da maior parte das obras contemporâneas”.

Raul Machado

(A União — 01 de junho de 1920)

CRÔNICA LITERÁRIA

AUGUSTO DOS ANJOS — “EU” (POESIAS COMPLETAS)
PARAÍBA DO NORTE — 1920

Mal Augusto dos Anjos fechou os olhos, comprometi-me comigo mesmo a publicar-lhe os versos póstumos. Entendi-me, para isso, com d. Esther dos Anjos, viúva de Augusto e combinamos escrever eu um estudo à guisa de prefácio.

D. Esther me prometeu mandar cópia dos originais lá da Paraíba, mas o governador de então avocou a si a tarefa de editar os versos do grande poeta paraibano.

Somente agora, sete anos idos, vem a lume a obra inteira do meu querido Augusto, mal impressa com prefácio de Orris Soares.

Augusto dos Anjos! Quando poderemos, no Brasil, compreender bem toda a desgraça dessa perda! Quando alcançaremos no Brasil estimar, em toda a sua transcendência, a poesia desse monstro!

Comparável com tal perda só vejo aqui a morte prematura de Castro Alves. Que soberanos poemas não nos daria Castro Alves se atingisse os quarenta anos! Que prodígios de revelação estética não teriam rebrotado da cabeça desse Augusto na fase trágica do passado lustro! Que martírios íntimos, que revolta, que excitação torva não se altoariam naquela alma vibratilíssima, diante da catástrofe mundial!

Orris Soares, estudando o poeta, afirma que três fatores fizeram a profunda tristeza de Augusto: — um de caráter individualíssimo, outro mesológico e o terceiro espiritual. O primeiro, diz-nos o prefaciador, foi a *obsessão da doença*, o segundo a *raça*, o terceiro a tristeza de *todo homem de pensamento* no Brasil, educado em livros e idéias estrangeiras, sem público e sem futuro.

Não nego a exatidão possível desses apanhados. Porém, tanto quanto pude ver dentro de Augusto e nos seus versos há fatores muito mais profundos e mais poderosos do seu *Eu*.

Um deles de ordem material, foi a *penúria*. Conheci Augusto numa fase horrível para nós ambos.

Eu, muito mais forte, mais batalhador, mais esperançado de vencer, com a falta de recursos multiplicava-me. Augusto se moía, concentrava a sua pena, embora, uma vez por outra, me revelasse as suas condições. O que mais o amargurava era a injustiça social, solícita em premiar os ruins, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados e avaríssima com os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e coração.

Essa revolta íntima o levava a descrer do mundo, a ver em tudo podridão física e moral.

Nunca me falou em doença; jamais o vi doente. Referiu-me apenas uma neurastenia antiga, passada inteiramente, e seguiu para Leopoldina por necessidade pecuniária; foi dirigir uma casa de instrução.

Assim, quando num teatro, Osório Duque Estrada me noticiou a morte de Augusto foi isso para mim dolorosíssima surpresa.

O que atenazou a alma do poeta foi a luta pelo vil dinheiro, pelo pão dos filhos, que sua esposa heróica ajudava a ganhar.

Outro fator de tristeza de Augusto, do seu pessimismo intelectual foi a insuficiência da filosofia contemporânea. Ninguém lhe resolvia as dúvidas profundas sobre o por quê e o para que deste universo.

Feliz teria sido se nascesse com a alma facilmente conformável de materialistas e positivistas, ou com a alma também conformável dos espíritas, por exemplo. A ciência não lhe explicava os problemas cósmicos, embora revelasse mundos sobre mundos. O espiritismo, o espiritualismo cristão, as filosofias vazias não lhe matavam na consciência a interrogação fatal.

Suas tendências, entretanto, eram todas anti-materialistas; posso mesmo asseverar acentuadamente espiritualistas. Em seus versos, nos póstumos sobretudo, as intenções teosóficas são freqüentes. Preocupava-o sempre a Unidade das coisas e dos seres, a evolução do Todo, a independência do seu próprio Eu, sua essência anímica proveniente da *substância de todas as substâncias*.

Di-lo admiravelmente bem, este extraordinário soneto, um dos mais belos que já se escreveram em qualquer língua:

Quando o homem, resgatado da cegueira,
Vir Deus num simples grão de argila errante,
Terá nascido, nesse mesmo instante,
A mineralogia derradeira!

A impérvia escuridão obnubilante
Há de cessar! Em sua glória inteira
Deus resplandecerá dentro da poeira,
Como um gasofiláceo de diamante!

Nessa última visão subterrânea
Um movimento universal de insânia
Arrancará da insciência o homem precito...

A Verdade virá das pedras mortas
E o homem compreenderá todas as portas
Que ele inda tem de abrir para o Infinito!

Que teosofista não assinaria tal soneto?

Entanto Augusto dos Anjos, embora fale no "metafisicismo de Abidarma", em "Brahma", no "Nirvana", em "Buda", e manifeste certa obsessão dos números, conhecia esses assuntos muito superficialmente.

Era, porém, nele muito viva a intuição da Energia.

A energia intra-cósmica divina.

Que é o pai e a mãe das outras energias.

A consciência da Unidade cósmica, da substância una e dispersa, manifesta-se a cada instante em suas rimas.

Nos tercetos do "*Louvor à unidade*":

Era a estrangulação sem retumbância
Da multi-milenária dissonância
Que as harmonias siderais invade...

Era, numa alta aclamação sem gritos,
O regresso dos átomos aflitos
Ao descanso perpétuo da Unidade!

Est'outros de "*A um mascarado*":

A sucessão de hebdômadras medonhas
Reduzirá os mundos que tu sonhas
Ao microcosmos do ovo primitivo...

É tu mesmo, após a árdua e atra refrega,
Terás somente uma vontade cega
É uma tendência obscura de ser vivo!

E, no "*Monólogo de uma sombra*":

Sou uma sombra! Venho de outras eras
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva do caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo
Da substância de todas as substâncias!

É desse monólogo o extraordinário verso:

A simbiose das cousas me equilibra, verso onde se condensa a mais perfeita integração e estética do homem no universo.

Para Augusto, com efeito, somos um produto de todas as energias cósmicas, somos como diria um teosofista, simples *manifestação* do Absoluto, do Ego infinito, do *noumeno*, da *coisa em si*.

Essa idéia dominante guia o pessimismo aparente de Augusto dos Anjos. Para ele, o desprezível, o putrescível, o nojento é o corpo humano, os trinta trilhões de células mudáveis e adocíveis.

este feixe de células humanas

que ele desejava

deixar enfim na cloaca mais sombria.

Quanto ao espírito, não. Para o poeta o corpo encerra a alma imorrível, centelha pensante, que há de fulgir por séculos e séculos superior aos cataclismas todos do Universo, cuja Energia se degrada fatalmente. Eis como esse pensamento resplandece no genial *Apocalipse!*

Minha divinatória Arte ultrapassa

Os séculos efêmeros e nota

Diminuição dinâmica, derrota

Na atual força, integérrima, da Massa,

É a subversão universal que ameaça

A Natureza, e, em noite aziaga e ignota,

Destrói a ebulição que a água alvorota

E põe todos os astros na desgraça!

São despedaçamentos, derrubadas,

Federações sidéricas quebradas...

E eu só, o último ser, pelo orbe adiante,

Espião da cataclísmica surpresa,

A única luz, tragicamente acesa,

Na universalidade agonizante!

Dessa consciência da participação infinitesimal do homem no Todo cresce, em Augusto, o pavor do *Mistério Eterno*. Esse mistério foi a preocupação científica, foi toda a religião do poeta.

Em *Versos de um Vencido* ele ouve a voz das árvores que lhe parecia

A Voz cavernosíssima de Deus

Reproduzida pelos arvoredos.

Essa voz lhe revela que os seres inferiores mais obscuros, mais desprezíveis não de ser, em futura fase evolutiva, seres superiores.

Então o poeta percebe toda a grandeza do insondado e a insignificância do homem falador:

Restava apenas na minha alma bruta

Onde frutificara outrora o Amor

Uma volicional fome interior

De renúncia budística, absoluta!

Por que, naquela noite de ânsia e inferno,

Eu fora alheio ao mundanário ruído,

A maior expressão do homem vencido

Diante da sombra do Mistério Eterno!

Essa transcendente concepção de vida, que tão elevada força moral dava ao poeta, rebrilha claramente nos dois sonetos da *Revelação*:

I

Escafandrista do insondado oceano
Sou eu, que, aliando Buda ao sibarita,
Penetro à essência plásmica infinita
— Mão promíscua do amor e do ódio insano!

Sou eu, que, hirto auscultando o absconso arcano,
Por um poder de acústica esquisita
Ouço o universo ansioso que se agita
Dentro de cada pensamento humano!

No abstrato abismo equóreo em que me inundo,
Sou eu que, revolvendo o ego profundo
E a escuridão dos cérebros medonhos

Restituo, triunfalmente, a esfera calma,
Todos os cosmos que circulam na alma
Sob a forma embriológica de sonhos!

II

Treva e fulguração, sânie e perfume;
Massa palpável e éter; desconforto
E ataraxia; feto vivo e aborto,
— Tudo a unidade do meu ser resume!

Sou eu, que ateando da alma o occíduo lume
Aprendo, em cisma abismadora absorto,
A potencialidade do que é morto
E a eficácia prolífica do estrume!

Ah! Sou eu que, transpondo a esarpa augusta
Dos limites orgânicos estreitos
Dentro dos quais recalco em vão minha ânsia

Sinto bater na putrescível crusta
Do tegumento que me cobre os peitos
Toda a imortalidade da Substância.

Vê-se, por aí, sob a nomenclatura rígida e científica, no entrecocar de termos crus e imagens por vezes repulsivas, quanto *esoterismo*, quanto pensamento superior, quanta clarividência instintiva.

E nisso está, precisamente, o prestígio enorme do inimitável Augusto.

Poucos o compreenderão hoje, no futuro será, sem possível dúvida, o mais assinalado poeta brasileiro do seu tempo. Eis pois, efetivamente, em suas produções, um *signal* seu, inconfundível, de visão profunda.

José Oiticica

(*A União* — 25 de julho de 1920)

Entregue para publicação: julho de 1986